



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Praça de São Pedro

Quarta-feira, 18 de Fevereiro de 2015 [\[Multimídia\]](#)

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

No nosso caminho de catequeses sobre a família, depois de ter meditado sobre o [papel da mãe](#), [do pai](#) e [dos filhos](#), agora é a vez dos *irmãos*. «Irmão» e «irmã» são palavras que o cristianismo aprecia muito. E, graças à experiência familiar, são palavras que todas as culturas e épocas compreendem.

O laço fraterno ocupa um lugar especial na *história do povo de Deus*, que recebe a sua revelação no vivo da experiência humana. O salmista canta a beleza do vínculo fraterno: «Como é bom, como é agradável os irmãos viverem em unidade!» (Sl 133 [132], 1). E é verdade, a irmandade é bonita! Jesus Cristo levou à sua plenitude também esta experiência humana do ser irmãos e irmãs, assumindo-a no amor trinitário e fortalecendo-a para que vá muito além dos vínculos de parentela e possa superar todos os muros de alienação.

Sabemos que *quando a relação fraterna se corrompe*, quando se desvirtua o relacionamento entre os irmãos, abre-se o caminho para dolorosas experiências de conflito, traição e ódio. A narração bíblica de *Caim e Abel* constitui o exemplo deste resultado negativo. Após o assassinio de Abel, Deus pergunta a Caim: «Onde está o teu irmão Abel?» (Gn 4, 9a). É uma interrogação que o Senhor continua a repetir a cada geração. E infelizmente, em cada geração, não cessa de se repetir também a dramática resposta de Caim: «Não sei. Sou porventura eu o guarda do meu irmão?» (Gn 4, 9b). A ruptura do vínculo entre irmãos é algo desagradável e negativo para a humanidade. Também em família, quantos irmãos discutem por causa de coisas insignificantes, ou de uma herança, e depois deixam de se comunicar, de se saudar uns aos outros. Isto é feio! A fraternidade é algo grandioso, quando se pensa que todos os irmãos habitaram no ventre da

mesma mãe, durante nove meses, e vêm da carne da mesma mãe! E não se pode interromper a fraternidade. Pensemos um pouco: todos nós conhecemos famílias com irmãos divididos, que discutiram; peçamos ao Senhor por estas famílias — talvez na nossa família haja alguns casos — que as ajude a reunir os irmãos, a reconstruir a família. A fraternidade não se deve interromper, porque quando se interrompe, verifica-se o que aconteceu com Caim e Abel. Quando o Senhor pergunta a Caim onde estava o seu irmão, ele responde: «Não sei, não me interessa pelo meu irmão!». Isto é desagradável, é algo muito doloroso de ouvir. Nas nossas preces oremos sempre pelos irmãos que se dividiram.

O laço de *fraternidade* que *se forma em família*, entre os filhos, quando se verifica num clima de educação para a abertura ao próximo, é uma grande escola de liberdade e paz. Em família, entre irmãos, aprendemos a convivência humana, como devemos conviver na sociedade. Talvez nem sempre estejam os conscientes disto, mas é precisamente a família que introduz a fraternidade no mundo! A partir desta primeira experiência de fraternidade, alimentada pelos afectos e pela educação familiar, o estilo da fraternidade irradia-se como uma promessa sobre a sociedade inteira e sobre as relações entre os povos.

A bênção que Deus, *em Jesus Cristo*, derrama sobre este vínculo de fraternidade *dilata-o* de modo inimaginável, tornando-o capaz de ultrapassar todas as diferenças de nação, língua, cultura e até de religião.

Pensai no que se torna o vínculo entre os homens, mesmo que sejam muito diversos entre si, quando podem dizer uns aos outros: «Para mim, ele é como um irmão, ela é como uma irmã!». Isto é bonito! De resto, a história demonstrou suficientemente que, sem a fraternidade, até a liberdade e a igualdade podem encher-se de individualismo e conformismo, também de interesse pessoal.

A fraternidade em família resplandece de modo especial quando vemos o esmero, a paciência e o carinho com os quais são circundados *o irmãozinho ou a irmãzinha mais frágeis*, doentes ou deficientes. Os irmãos e as irmãs que agem assim são muitíssimos, no mundo inteiro, e talvez não apreciemos de modo suficiente a sua generosidade. E quando numa família os irmãos são numerosos — hoje saudei uma família com nove filhos: o mais velho ou a mais velha ajuda o pai, a mãe, a cuidar dos mais pequeninos. Como é bonito este trabalho de ajuda entre os irmãos!

Ter um irmão, uma irmã que nos ama é uma experiência forte, inestimável, insubstituível. Acontece o mesmo com a *fraternidade cristã*. Os mais pequeninos, frágeis e pobres devem enternecer-nos: eles têm o «direito» de arrebatam a nossa alma, o nosso coração. Sim, eles são nossos irmãos, e como tais devemos amá-los e tratá-los. Quando isto acontece, quando os pobres vivem como em casa, a nossa fraternidade cristã retoma vida. Com efeito, os cristãos vão ao encontro dos mais pobres e frágeis não para seguir um programa ideológico, mas porque a palavra e o exemplo do Senhor nos dizem que somos todos irmãos. Este é o princípio do amor de

Deus e de toda a justiça entre os homens. Sugiro-vos algo: antes de concluir, só me faltam poucas linhas, cada um de nós pense nos próprios irmãos e irmãs e, no silêncio do coração, reze por eles. Um momento de silêncio!

Eis que com esta prece os trouxeamos todos, irmãos e irmãs, com o pensamento, com o coração, aqui à praça para receber a bênção.

Hoje é mais necessário do que nunca repor a fraternidade no centro da nossa sociedade tecnocrática e burocrática: assim, também a liberdade e a igualdade tomarão a sua correcta modulação. Por isso, não privemos com leviandade as nossas famílias, por sujeição ou medo, da beleza de uma ampla experiência fraternal de filhos e filhas. E não percamos a nossa confiança na vastidão de horizonte que a fé é capaz de obter desta experiência, iluminada pela Bênção de Deus.

Saudações:

Queridos peregrinos de língua portuguesa, sede bem-vindos! A todos vos saúdo, especialmente aos fiéis de Nogueiró e aos estudantes e professores do Agrupamento de Escolas de Viseu, encorajando-vos a apostar em ideais grandes, ideais de serviço que engrandecem o coração e tornam fecundos os vossos talentos. Confiai em Deus, como a Virgem Maria! De bom grado abençoo a vós e aos vossos entes queridos.

Dou cordiais boas-vindas aos peregrinos de expressão árabe, em especial aos provenientes da Terra Santa, do Iraque e do Médio Oriente. Com a encarnação, Jesus iluminou a experiência da fraternidade humana, abrindo os seus horizontes para receber cada homem, especialmente os mais necessitados e pobres. Ele instituiu a fraternidade que supera qualquer obstáculo de cor, língua e cultura para abraçar todos os homens, quando nos ensinou a dirigir-nos a Deus chamando-lhe «Pai nosso»! O Senhor vos abençoe e proteja todos do maligno!

Saúdo cordialmente os Bispos da Ucrânia, Слава Ісусу Христу! (Louvado seja Jesus Cristo!), vindos em visita «ad limina», assim como os peregrinos das dioceses que os acompanham. Irmãos e irmãs, sei que entre as numerosas intenções que trazeis aos Túmulos dos Apóstolos há o pedido de paz na Ucrânia. Tenho no coração o mesmo desejo e uno-me à vossa oração, para que quanto antes a paz duradoura se instaure na vossa Pátria. Deus vos abençoe!

Gostaria de convidar mais uma vez a rezar pelos nossos irmãos egípcios que, há três dias, foram assassinados na Líbia só porque eram cristãos. O Senhor os receba na sua casa e dê alívio às suas famílias e comunidades.

Oremos também pela paz no Médio Oriente e no Norte da África, recordando todas as vítimas,

feridos e refugiados. A Comunidade internacional encontre soluções pacíficas para a difícil situação na Líbia.

Saúdo os jovens, os doentes e os recém-casados. A Quaresma é um tempo favorável para intensificar a vossa vida espiritual: a prática do jejum vos ajude, amados jovens, a ter o domínio sobre vós mesmos; a oração seja para vós, caros doentes, o meio para confiar a Deus os vossos sofrimentos e sentir a sua presença amorosa; enfim, as obras de misericórdia vos assistam, queridos recém-casados, a viver a vossa existência conjugal abrindo-a às necessidades dos irmãos.

Boa Quaresma a todos!